

Políticas Públicas, Gênero e Trabalho
II Seminário Nacional de Trabalho e Gênero

Sessão Temática:

4 - Gênero, Reestruturação e Precarização nas Relações de Trabalho

Título do Trabalho:

**O TRABALHO IMATERIAL DO JOGADOR DE FUTEBOL:
elementos para uma discussão teórica**

Autor: Aldo Antonio de Azevedo - aldoazevedo@uol.com.br.

O TRABALHO IMATERIAL DO JOGADOR DE FUTEBOL: elementos para uma discussão teórica

Aldo Antonio de Azevedo
aldoazevedo@uol.com.br

RESUMO

O presente texto tem por objetivo compreender e explicar a atividade do jogador de futebol, sob a ótica do trabalho imaterial. Acredita-se que o ofício do jogador envolve, não apenas a forma trabalho material ou trabalho físico do corpo, mas a forma trabalho imaterial, que se expressa por intermédio de subjetividades e requisitos individuais que vêm sendo exigidos no mundo trabalho hoje. Supõe-se, ainda, que há uma analogia entre o talento esportivo do jogador e o conceito marxista de *General Intellect.*, (inteligência coletiva) a medida que o referido talento, ainda que individualizado; pois, incorpora criatividade, inteligência, técnica, conhecimento, habilidade, etc; pode ser convertido para a produção coletiva (espetáculo) Duas perspectivas de análise são tomadas como contraponto para a abordagem do trabalho imaterial: a) a do sujeito que trabalha (trabalhador da bola); e, b) a do produto do trabalho (o espetáculo produzido coletivamente). No que diz respeito ao referencial teórico, recorre-se, inicialmente, aos estudos marxistas, em alguns textos clássicos - *O capital*, *A ideologia alemã* e os *Grundrisse*; e, num segundo momento faz-se uma incursão às atuais interpretações acerca da imaterialidade do trabalho.

Palavras-chave: Trabalho imaterial, trabalho material, jogador de futebol.

O TRABALHO IMATERIAL DO JOGADOR DE FUTEBOL: elementos para uma discussão teórica

Aldo Antonio de Azevedo
aldoazevedo@uol.com.br

Introdução

O presente texto tem por objeto apontar alguns elementos teóricos que permitam compreender e explicar a atividade do jogador de futebol sob a ótica do trabalho imaterial. Acredita-se que tal atividade envolve, não apenas o trabalho físico do corpo ou trabalho material, mas aspectos da subjetividade humana (requisitos individuais da ascensão social e do sucesso profissional), que caracterizam o trabalho imaterial.

O interesse pelo debate sobre o tema decorre de um estudo sobre a relação futebol - empresa no Brasil, realizado em nossa Tese de Doutorado¹, em 1999, da docência em Sociologia do Esporte e da participação no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho (GEPT), do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB).

Atualmente, no Brasil, o futebol vem sendo abordado por diversas áreas do conhecimento, em especial, pelas Ciências Sociais; e, além de estar na academia, ocupa espaço também, nas artes, como cinema, teatro, música, etc. Mas, o futebol além de incorporar as características do esporte, como o rendimento, a competição, o resultado, as regras codificadas internacionalmente e a luta contra um oponente direto usando o corpo físico; fatores estes que implicam, a princípio, em sua interpretação sob a ótica do trabalho material, no caso brasileiro também é considerado muito mais como “jogo”.

Alia-se a esse contexto de interpretação, ainda, o fato do futebol, hoje, ser também um campo de trabalho para os jogadores, por razões históricas e sociais como, por exemplo, a popularização e até mesmo a democratização da prática por todo o país, independente de classe social, raça e sexo. Sabe-se que, historicamente, até a década de 30, do século XX, o futebol sempre foi um espaço de lazer dos aristocratas filhos de imigrantes europeus, que instalaram suas fábricas e indústrias no início desse século. Só

¹ - AZEVEDO, Aldo. *Dos velhos aos novos cartolas: uma interpretação do poder e das suas resistências nos clubes, face ao impacto das relações futebol-empresa*. Brasília, Universidade de Brasília, 1999. (Tese de Doutorado em Sociologia).

a partir de 1933, o futebol deixa de ser uma prática das elites, para se popularizar e se tornar, posteriormente, trabalho para os jogadores.

Embora o imaginário popular alimente a idéia de que jogador de futebol é um privilegiado e ganha um alto salário, a realidade concreta demonstra que o futebol é um universo de desempregados da bola. Desse modo, na esfera da concepção de “jogo”, acredita-se que o talento, a visibilidade na televisão e a relação jogador-empresário constituem elementos sociológicos estruturantes do trabalho imaterial do jogador.

Nesta perspectiva específica, duas dimensões analíticas são elucidativas, a saber: a) a dimensão do sujeito que trabalha; e, b) a do produto do trabalho. Desse modo, duas indagações surgem como centrais: Como podemos interpretar o trabalho imaterial sob a ótica do trabalho do jogador de futebol ? O que o jogador produz com o seu trabalho ?

No que diz respeito ao referencial teórico, recorreu-se , inicialmente, aos estudos marxistas acerca da relação capital *versus* trabalho, expressos em seus textos clássicos - *O capital*, *A ideologia alemã* e os *Grundrisse*. Também, num segundo momento, às atuais interpretações acerca da imaterialidade do trabalho, tida como uma nova vertente de análise daquela relação, expressa nas contribuições de NEGRI & LAZZARATO (2001), GORZ (2005), IMBRIZI (2005), CODO (2005), ROMERO (2005), dentre outros.

I - Sobre o Trabalho Imaterial, seu Ciclo Produtivo e o Jogador de Futebol

A visão de LAZZARATO & NEGRI (2001) é elucidativa para a compreensão da noção de trabalho imaterial, o seu ciclo produtivo e a questão da subjetividade. Acredita-se que esses conceitos contribuem para a interpretação do trabalho do jogador de futebol.

Para estes autores, a perspectiva da construção do conceito de trabalho imaterial encontra relações com o seu ciclo produtivo e com a subjetividade. Com apoio nos autores supracitados, vimos que o período de vinte anos de reestruturação produtiva levou a derrota do chamado operário fordista e trouxe à tona a centralidade de um trabalho vivo cada vez mais intelectualizado, que constituiu as bases do trabalho pós - fordista. Daí justifica-se a hegemonia do trabalho imaterial do operário social, nova categoria de operário ou proletário que surge no pós – fordismo.

Também, HARDT & NEGRI (2005, P.149) distinguem duas características do trabalho imaterial, a saber: o trabalho intelectual ou linguístico, que envolve idéias ,

símbolos, códigos, produtos culturais, etc; e , o trabalho afetivo, relacionado à excitação, paixão, emoções, subjetividades, etc.²

Dois elementos são relevantes para fundamentar teoricamente essa nova ordem do trabalho: a) a transformação do trabalho em trabalho imaterial e da força de trabalho em intelectualidade de massa (os dois aspectos são chamados por Marx, de *General Intellect*); b) a intelectualidade de massas pode transformar – se em um sujeito social e politicamente hegemônico.³

Há, portanto, uma transformação radical do sujeito da produção, de modo que o trabalho imaterial assume a condição de base fundamental da produção pós-fordista. O *General Intellect* (inteligência coletiva) é a própria subjetivação do trabalho imaterial. As características principais inseridas no trabalho imaterial são: a autonomia das sinergias positivas; os produtos ideológicos se convertem em mercadorias; o “público” assume relevância a medida que torna-se o modelo do consumidor (relação público/cliente) – novos valores são agregados a esse novo formato de trabalho. (LAZZARATO & NEGRI (2001.p.38-39, 102).

Embora muitos interpretem o trabalho físico no esporte como uma prática marginal, onde o saber está separado do fazer; ou, ainda, como algo que não envolve, *a priori*, o saber ou o intelecto. Porém, é certo que para jogar bem, ser o melhor, ter qualidade, ser “craque”, é preciso inteligência esportiva, o que aqui denominamos “talento esportivo”, noção que é discutível entre os estudiosos da área do esporte e da Educação Física, a medida que pode ser um dom ou uma qualidade a ser aperfeiçoada.

De acordo com estes conceito genéricos de talento esportivo e de trabalho imaterial, entende-se que há uma analogia entre aquele conceito e a idéia de *General Intellect*. Não resta dúvida de que são os jogadores de talento que, com essa qualidade individual, subjetivam o trabalho e agregam valor ao espetáculo. Este último é produzido coletivamente por mercadorias individuais (jogadores) e empresários, convertido numa grande mercadoria a ser consumida por espectadores e telespectadores de futebol.

Claro está, no entanto, que o talento esportivo é uma qualidade individual que permite distinguir um jogador de outro, que envolve critérios como conhecimento, genialidade, habilidade, criatividade, estilo, técnica, etc; que se identificam aos

² - C.f. NEGRI, Antonio & HARDT, Michel. *Multidão*. guerra e democracia na era do império. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 149.

³ - C.f. MARX, Kaarl. *Elementos fundamentales para la critica de la economia política*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1974. p.230.

requisitos exigidos dos trabalhadores, hoje, em razão das transformações que vêm ocorrendo no mundo trabalho. Desse modo, na sistemática da tática coletiva do jogo, seja como trabalho ou como espetáculo, o talento constitui parte de um produto coletivo, que se assemelharia à inteligência coletiva ou *General Intellect*.

É relevante, ainda, entender que o jogador pode ser considerado como uma mercadoria, na maioria das vezes, em razão do seu talento. É esse talento que converte o jogador em mercadoria. Por outro lado, embora seja inevitável dizer e admitir que o “corpo físico” é o fundamento do trabalho, por excelência, o que implica na pessoalidade do jogador; concorda-se com GORZ (2005, p.16), quando ele entende que:

”O valor encontra hoje sua fonte na inteligência e na imaginação. O saber do indivíduo conta mais que o tempo da máquina. O homem, carregando consigo seu próprio capital, carrega igualmente uma parte do capital da empresa”.

Ainda, a respeito do trabalho imaterial, GORZ (2005, p.19) é enfático ao expor suas características; e, ao mesmo tempo, admite que os jogos e esportes contêm um conteúdo de saber, que é necessário ao trabalho social pós-fordista:

“O coração, o centro da criação de valor, é o trabalho imaterial. (...) ele repousa sobre as capacidades expressivas e cooperativas que não se podem ensinar, sobre uma vivacidade presente na utilização dos saberes e que faz parte da cultura do cotidiano. Essa é uma das grandes diferenças entre os trabalhadores de manufaturas ou de indústrias taylorizadas e aqueles do pós-fordismo. Os trabalhadores pós-fordistas, ao contrário, devem entrar no processo de produção com toda a bagagem cultural que eles adquiriram nos jogos, nos esportes de equipe, nas lutas, disputas, nas atividades musicais, teatrais, etc...É nessas atividades fora do trabalho que são desenvolvidas sua vivacidade, sua capacidade de improvisação, de cooperação. É seu valor vernacular que a empresa pós-fordista põe para trabalhar, e explora”.

II - Na Perspectiva do Sujeito que Trabalha

Na esfera do sujeito que trabalha, antes de focar o trabalho imaterial, não há como abstrair elementos da materialidade; pois, envolve diretamente o trabalho físico ou do corpo físico. Desse modo, a atividade do jogador é uma atividade física, onde usa do seu corpo físico nos treinamentos e nos jogos. Aqui, de início, pode-se dizer que há um predomínio da forma trabalho material. O corpo do jogador é o objeto do trabalho, que se assemelha com o chamado trabalho braçal; ou com o trabalho dos garis ao recolherem o lixo nas residências, os motoristas de coletivos, os operários da construção civil, etc.

No entanto, há um aspecto imaterial, que se refere aos elementos do “afetivo” (grupos de jogadores em colaboração e entre-ajuda) e “intelecto” – (a inteligência esportiva que demarca a qualidade, a técnica e o estilo do jogador para atuar no campo de jogo, que fazem parte do “talento esportivo”). Cabe lembrar, porém, que existem jogadores no mercado e com sucesso profissional, sem ter necessariamente esses requisitos. Há casos em que a liderança, o desempenho e o comportamento exemplar do jogador, são suficientes para a sua colocação no mercado de trabalho, ainda que não possuam “talento esportivo”.

O trabalho é transformado em força de trabalho e o seu produto em mercadoria, abstraindo a subjetividade humana desse produto. No futebol, o espetáculo (produto imaterial do trabalho) apresenta-se, portanto, como um objeto de consumo que é apropriado ou expropriado dos sujeitos que, de fato, o produzem: os jogadores.

Mas, no futebol, para reproduzir-se socialmente, ter ascensão social e sucesso na profissão, o jogador também passa a fazer parte do consumo do espetáculo. Neste sentido, recorrendo a CODO e colaboradores (1985, p. 89), em suas análises acerca do processo da produção em geral, concorda-se que há uma via de mão dupla:

“No campo da produção, enquanto realizador de trabalho alienado, o sujeito se consome, mas enquanto realizador de trabalho (gerador de bens, construtor de identidade, metabolismo homem natureza), o sujeito se produz. No campo da reprodução, enquanto realizador de consumo alienado, o sujeito se consome, mas, enquanto realizador de consumo (geração de filhos, construção de tempo livre, de nutrição e de relações sociais para além do trabalho), o sujeito se produz”.

A questão do afeto, no entanto, não é a única a constituir a subjetividade humana do jogador no seu trabalho no futebol. A imagem que produz de si mesmo ou sua visibilidade na mídia, fazem parte desse espaço de produção e reprodução da sua identidade. Estas faces estão, no nosso entendimento, funcionalizadas pela idéia de fetichismo, mas numa perspectiva muito mais individual do que coletiva; pois, a questão do talento e a visibilidade na mídia pertencem à subjetividade do indivíduo, ainda que este faça parte de um grupo esportivo (time de futebol). Neste sentido, interpreta-se a identidade do jogador no processo de produção, como a busca individual de uma passagem ou transformação para o espaço do ídolo ou do mito.

Ainda nesta ótica, a idéia embutida na noção de *General Intellect*, nos Grundrisse, de Marx, é aqui elucidativa, a medida em que permite interpretar o talento esportivo não apenas como algo vinculado à inteligência para jogar; ou seja, um fator

que diferencia subjetivamente um jogador de outro, e faz dele uma mercadoria individual, independentemente das suas condições materiais de existência; mas, requisito necessário a um time, a um grupo, a um coletivo de uma empresa, que hoje luta competitivamente para se manter no mercado, vender produtos e conquistar novos clientes, por exemplo.

III - Na Perspectiva do Produto do Trabalho

Segundo NEGRI (2005) vimos que o resultado industrial do trabalho traduz-se por duas formas distintas: o produto material e o produto imaterial. De fato, no esporte e, em especial, no futebol, o mesmo pode ser dito.

Genericamente, o produto material ou “objeto” produzido pelo trabalho, por exemplo, poderia ser uma cadeira, uma mesa, uma lata de graxa, etc. No caso do trabalho do jogador, o treinamento físico, a participação em um jogo que resulta em vitória, derrota ou empate, seriam produtos materiais do trabalho de um jogador de futebol. Desse modo, a essência, na perspectiva do que se produz, é o trabalho material. Aqui, há uma relação de correspondência entre o sujeito que trabalha e o produto desse trabalho, onde o corpo físico é o objeto ou a via de acesso à produção. Essa produção é o movimento corporal e a técnica.

Para refletir acerca da produção do espetáculo como resultado do trabalho imaterial, à luz das teses marxistas, além da leitura de partes de *O Capital* e dos *Manuscritos de 1861-1863*, recorreu-se, ainda, a algumas interpretações dessas obras. ROMERO (2005, p. 71), por exemplo, no que se refere à questões como a subsunção formal do trabalho ao capital e ao processo de “cooperação” que envolve a produção, e podem apontar elementos para explicar o trabalho do jogador, em especial, na sua forma imaterial, tem-se que:

“A categoria de trabalho social ganha uma dimensão mais abrangente e mais concreta. A socialização do trabalho já é realizada por meio do capital; a cooperação simples propicia num sentido fundante, a socialização do trabalho como socialização do capital, as forças produtivas do trabalho como forças produtivas do capital: como pessoas independentes, os trabalhadores são indivíduos que entram em relação com o mesmo capital, mas não entre si. Sua cooperação começa só no processo de trabalho, mas no processo de trabalho eles deixam de pertencer a si mesmos. Com a entrada no mesmo, eles são incorporados ao capital. Como cooperadores, como membros de um organismo que trabalha, eles não são mais do que um modo específico de existência do capital. A força produtiva que o trabalhador desenvolve como trabalhador social é, portanto, força produtiva do capital”.

No que se refere ao processo de cooperação é útil entender que, embora o resultado seja o trabalho social - produzido a partir da inserção do trabalhador assalariado no interior das unidades produtivas da socialização do trabalho – o que é efetivamente pago é o trabalho individual.

Daí, conforme ROMERO (2005, p. 77), entende-se diretamente a subsunção do trabalho ao capital; pois:

“...como é o capitalista quem emprega os trabalhadores em grande número, concentra-os sob um mesmo teto e organiza a produção em seu conjunto; como também é o capitalista que tem a propriedade dos meios de produção e estes, por isso, aparecem frente ao trabalhador como condições alheias; por tudo isso, esta capacidade do trabalho se produzir mais mediante sua combinação parece como um fator que se origina não do próprio trabalho, mas, agora, do capital”.

Neste sentido, por analogia, a produção do espetáculo é coletiva e não é igual à soma dos talentos individuais, considerados isoladamente; mas, à combinação e à coordenação entre os jogadores. Esse resultado é imaterial, intangível; mas, produzido para o consumo.

Portanto, se para um jornalista, por exemplo, o produto imaterial do seu trabalho seria a “idéia” ou o “sentido” que fica do seu texto material e jornalístico, e não todo o conjunto de letras gráficas. Para um artesão, seria a satisfação pelo que produziu materialmente (uma cadeira artesanal, por exemplo) e que tem um “valor” imaterial para si mesmo. No caso do jogador, sua atividade material ou participação como um trabalhador da bola, durante um jogo de futebol, resulta na produção imaterial “espetáculo”. Sob essa forma, o esporte se converte em mercadoria para ser vendida e consumida.

Assim, há, portanto, uma perda da autonomia dos atletas que produzem a mercadoria “esporte-espetáculo”; pois, embora sejam os protagonistas do espetáculo, este é deles abstraído por outros agentes, como produtores, vendedores e a mídia televisiva.

Considerações Finais

A análise teórica das relações entre o trabalho do jogador de futebol e o trabalho imaterial, nos permitiu, inicialmente, apontar algumas questões relevantes, a saber: a) na atividade do jogador a forma da materialidade ou imaterialidade do trabalho, estão presentes; b) o trabalho imaterial incorpora o talento; ainda que este seja uma

característica individualizada que sempre marcou os grandes ídolos do futebol e os distinguiu em relação aos demais. Porém, entende-se que esse talento também passa a fazer parte de uma produção coletiva, que é o espetáculo.

A medida que valoriza novas subjetividades, a visibilidade na televisão (necessários à conversão do jogador em mercadoria) e a produção do espetáculo, a forma da imaterialidade do trabalho se realiza. E, sob o signo da mercadoria, pode-se compreender, ainda, como o jogador transforma-se num patrimônio dos clubes e de empresários particulares. Essa é a lógica que predomina hoje, em razão do grande volume de negócios que permeiam o futebol e seus espetáculos no mundo, muito embora o trabalho corporal do jogador, dialeticamente, também seja necessário à imaterialidade da sua imagem no mercado.

O talento esportivo é uma qualidade individual que permite distinguir um jogador de outro e incorpora critérios como conhecimento, genialidade, habilidade, criatividade, estilo, técnica, etc; que se identificam aos requisitos exigidos hoje no mundo do trabalho. Desse modo, quando produz o espetáculo, o talento constitui parte de um produto coletivo, que se assemelharia à inteligência coletiva ou *General Intellect*.

Assim, não é apenas o trabalho corporal de um jogador na prática do futebol; mas, principalmente, sua imagem de mercadoria, sua visibilidade no espetáculo e no mundo dos negócios, estão diretamente relacionadas ao trabalho imaterial.

Enfim, apesar das dificuldades e limitações encontradas na construção do presente texto, entende-se como válida a tentativa de interpretação do trabalho do jogador de futebol, a partir da ótica do trabalho imaterial; pois, novas dimensões analíticas podem aqui ser consideradas e aprofundadas em estudos posteriores sobre o tema.

Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, Aldo. *Dos velhos aos novos cartolas: uma interpretação do poder e das suas resistências nos clubes, face ao impacto das relações futebol-empresa*. Brasília, Universidade de Brasília, 1999. (Tese de Doutorado em Sociologia).
- BARROS, Alice M. *As relações de trabalho no espetáculo*. São Paulo: Ltr, 2003.
- CATANI, Antonio & HOLZMANN, Lorena. *Dicionário de trabalho e tecnologia*. (Org.). Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2006.
- CODO et al. *Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar*. 2^a.ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- GORZ, André. *O imaterial: conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume, 2005. Tradução de: Celso Azzan Júnior.

IMBRIZI, Jaquelina Maria. *A formação do indivíduo no capitalismo tardio: uma análise de estudos que vinculam a esfera subjetiva ao mundo do trabalho*. São Paulo: Hucitec, 2005. 322p.

LAZZARATO, Maurizio & NEGRI, Antonio. *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001. Tradução de: Mônica Jesus.

MARX, Kaarl. *Elementos fundamentales para la critica de la economia política*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1974.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Seleção de textos de José Arthur Giannotti. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. Tradução de: Luís Cláudio de Castro e Costa.

NEGRI, Antonio & HARDT, Michel. *Multidão: guerra e democracia na era do império*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

XXXXX